

REVISTA ALILO



ACADEMIA DIX-SEPTIENSE DE HISTÓRIA - ANO VI Nº. 04 - 04/04/2023

Edição Especial de 5º Aniversário ACADHIS - EM SEUS 5 ANOS DE HISTÓRIA GANHA SEU HINO OFICIAL

O Hino com letra de José Hugo de Oliveira e Reginaldo Claudino da Silva e música de Antônio Carlos Batista de Souza, se tornou, a partir da composição, porta voz oficial da entidade.



Foto: Jefferson Roberto

Pai João, um visionário.

Pág. 22

História da Família Carlos.

Pág. 25

Revista da Academia Dix-septiense de História

Alilo nº. 004 – Ano: VI - 2023 – Tiragem: 100

Conselho Diretor da ACADHIS

Presidente: Reginaldo Claudino da Silva

Vice-Presidente: Antonio Pedro da Costa

Secretário Geral: Eduardo Rego de Moraes

Tesoureiro: José Emídio de Oliveira

Assessor de Comunicação: José Hugo de Oliveira

Conselho Fiscal:

Titulares:

1 – Antonia Idaisa da Costa

2 – Maria Dilma de Moraes

3 – Maria Daniela de Souza

Suplentes:

1 – Lázaro Alves do Vale

2 – Hudson Carlos de Oliveira

APRESENTAÇÃO

Nesses 4 dias do mês abril de 2023, celebramos 60 anos de emancipação política do município de Governador Dix-sept Rosado-RN. Sessenta anos de história e de luta de um povo aguerrido, lutador e de uma hospitalidade sem igual.

A luta pela emancipação política teve início em 1958. Travou-se uma batalha entre os que queriam e os que não queriam a separação das Terras de São Sebastião (na época Vila Gov. Dix-sept Rosado) das Terras de Santa Luzia (Mossoró). Abaixo assinados foram enviados à Assembleia Legislativa, projetos de lei foram idealizados, criados e postos abaixo por forças políticas antagônicas.

Em 1962 foi criado pela primeira vez, o município de Gov. Dix-sept Rosado-RN, pela Lei 2.788, de 10 de maio de 1962, contudo, travou-se uma luta no Judiciário, sendo a referida lei declarada inconstitucional e o município recém criado, extinto.

A luta chega ao final no ano de 1963, quando, no dia 4 de abril, foi criado o município de Gov. Dix-sept Rosado-RN, através da Lei nº. 2.878, pela força e pela luta dos dix-septienses. Parabéns Governador Dix-sept Rosado, pelos seus 60 anos de emancipação política!

Em 2018, distantes 55 anos desse ato emancipativo, nasce em Gov. Dix-sept Rosado, uma instituição com o objetivo de estudar, divulgar e preservar essa história de lutas e conquistas. Surge então a Academia Dix-septiense de História (ACADHIS), que hoje completa 5 anos de história e resistência na luta pela preservação da história e da cultura dix-septiense.

A ACADHIS, neste 4 de abril de 2023, ganha mais um símbolo representativo. O Hino Oficial da Academia Dix-septiense de História – símbolo máximo e singular de sua história, foi construído sob um olhar de amor pela instituição, com letra de José Hugo de Oliveira e Reginaldo Claudino da Silva e melodia feita pelo maestro e compositor Mossoroense Antônio Carlos Batista de Souza, a quem

agradecemos pela gentileza de nos presentear com essa belíssima melodia. O Hino será sempre tocado em solenidades e momentos festivos da Academia e, onde ele estiver, lá estará à academia e seus imortais (patronos e acadêmicos).

Apresentamos hoje, o quarto número da Revista Alilo com história família, informações, poesia, conto, e, também, o Hino da ACADHIS.

A Revista Alilo é uma publicação periódica da Academia Dix-septiense de História (ACADHIS), que tem por objetivo publicar as produções dos Acadêmicos e dos eventos científicos e culturais realizados pela Academia. Participe e contribua com a revista, enviado para análise e posterior publicação, textos relacionados à história do município de Gov. Dix-sept Rosado e de seu povo.

Dado e passado nesta Terra de São Sebastião,
Gov. Dix-sept Rosado-RN, 04 de Abril de 2023.

Reginaldo Claudino da Silva
Presidente da ACADHIS

ÍNDICE

CERIMÔNIA DA ACADHIS TERÁ HINO TOCADO NA ABERTURA.....	07
A BICICLETA EM DOIS TEMPOS.....	09
CHUVAS EM GOV. DIX- SEPT ROSADO 2018 – 2022.....	14
PAI JOÃO, UM VSIONÁRIO.....	22
FAMÍLIA CARLOS.....	25
POESIA: Governador Dix-Sept Rosado	40

CERIMÔNIA DA ACADHIS TERÁ HINO TOCADO NA ABERTURA

Por Hugo Carlos de Oliveira



Foto: Jefferson Roberto

No dia 4 de abril, quando o presidente da Academia Dix-septiense de História (ACADHIS), der início à abertura da sexta sessão solene de aniversário, será tocado o Hino da entidade. Será a primeira vez, em seis anos, que o público presente poderá testemunhar o acontecimento, após a fundação.

Com presença garantida nas cerimônias oficiais que se seguirão, o Hino tem uma letra que faz referência à grandeza e valor da agremiação, sua exaltação ao município, à História, à memória, aos patronos e imortais, bem como aos feitos por eles realizados, foi criado em janeiro de 2023, por iniciativa do presidente, com execução inédita marcada para a abertura da sessão anual de abril vindouro.

Alinhado com o avanço e crescimento da ACADHIS, que vivencia um período de ascensão, o Hino com letra de José Hugo de Oliveira e Reginaldo Claudino da Silva e música de Antônio Carlos Batista de Souza, se tornou, a partir da composição, porta voz oficial da entidade.

A história do Hino começou por ocasião das reuniões, com realização mensal, na sede da entidade. Fundada em 04 de abril de 2018, a ACADHIS é a primeira agremiação que foi instituída na cidade e vem colhendo bons resultados ao longo de seus seis anos de fundação.

HINO OFICIAL DA ACADEMIA DIX-SEPTIENSE DE HISTÓRIA - ACADHIS
*Poema - Reginaldo Claudino da Silva, José Hugo de Oliveira e Antônio
Carlos Batista de Souza*
Melodia - Antônio Carlos Batista de Souza

Um clarão imitiu-se imponente
Dissipando toda escuridão
Luzidas centelhas lançaram
Reluzentes florais neste chão
Erigida em solo fecundo
De cultura, tradição e amor
De altaneiro e singular esteio
Que te exalta, Governador

REFRÃO

ACADHIS de grandeza e valor
Sinônimo de expressão cultural
Símbolo máximo que em São Sebastião
Lembra o alho, o petróleo e a cal

Teus patronos velando a história
Os teus feitos estão sempre a honrar
Na labuta com grande fervor
E esplendor sua bravura a exaltar
Da memória, guardiões eternos
Valorosos são teus imortais
Incansáveis guerreiros na luta
Em defesa dos teus ideais

REFRÃO

ACADHIS de grandeza e valor
Sinônimo de expressão cultural
Símbolo máximo que em São Sebastião
Lembra o alho, o petróleo e a cal



A BICICLETA EM DOIS TEMPOS

Por José Hugo de Oliveira (Hugo Carlos)

Quando parei a bicicleta e adentrei a oficina de paredes surradas, eram duas horas da tarde. Tinha chegado debaixo de um sol forte, estava suado e com parte da roupa encharcada. Meu tio Emiliano estava comigo. Antes, por volta de pouco mais de hora e meia, nos encontrávamos numa agência bancária, onde aguardava a vez de receber o pagamento do auxílio-acidente. Recorriamos a uma lei que regulamentava esse direito, para suprir, quando doentes, nossas necessidades. Dizia-se que era uma garantia criada em benefício dos trabalhadores da roça, onde eu, Zezinho de Asafe, residia, e trabalhava com a família.

O homem a quem nos dirigimos se mostrou diligente e comprometido com a qualidade do atendimento. Sem que houvesse na oficina uma pessoa com quem pudesse dividir as tarefas, ele mesmo as realizava, sem abrir mão da cordialidade. Os longos anos de atividade não haviam repercutido nas relações que iam se mantendo sadias. Agradável, servia com paciência aos que chegavam, tinha zelo por todos. Interrompeu o serviço que fazia para que não viéssemos sofrer com o suplício da espera. Era de média estatura, tinha bigode e cabelos abundantes, olhos empapuçados e pele branca. Quando nos viu adentrando o local que dividia com um cliente, ergueu-se do chão e foi nos receber. O outro permaneceu onde estava. Ao nos aproximarmos, percebemos que era conhecido, que era integrante de outra categoria e morava na cidade de Tamandaré dos Açores. Ele na zona urbana, nós na zona rural em Beberaba.

Fiquei ali pelo resto da tarde aturando a conversa de Juca Francelino. Queria ver como Izalcino iria comportar-se, cada detalhe do que pretendia realizar, cada ação que desenvolvesse, mas era em vão. A insistência em repetir que iríamos juntos, a ousadia em ignorar razões contrárias e a convicção de quem falava como se houvesse compromisso a respeito, sem indicativo algum de anuência, me atormentavam. Era como se estivesse com uma broca enterrada no cérebro, liquidando-me. Izalcino percebia o incômodo, porém, fazendo de conta que não via, mantinha o foco nos raios que apertava, nas peças que retirava ou ia repondo, em processos que me soavam interessantes, que, se pudesse, buscaria aprender. A cada mudança de posição do homem que fazia reparos, eu me esforçava para ser pego atento, mas era impossível. A tagarelice de Juca Francelino não me deixava quieto.

Por isso, ao perceber que estava sem cigarro, depois de vê-lo apalpar com a mão direita o bolso vazio da camisa, senti um rápido alívio ao

refletir que sairia para comprar, já que o mercado era ali em frente. A bicicleta, seu único meio de transporte, quando de seus deslocamentos na cidade, permanecia no mesmo lugar onde era vista desde o momento da chegada, aguardando para ser desmontada. Entretive-me contando para ver quantas se ressentiam de conserto, e só percebi que Juca Francelino havia se ausentado, quando ele já estava voltando, expelindo fumaça, parando nos boxes, conversando e testando com pequenos apertos a qualidade de alguns produtos que ficavam sobre o balcão. Herdara o hábito da interlocução, do homem de negócio e político que era. Por diversas vezes, o vi num Jeep verde em Beberaba, de porta em porta, comprando o alho e a cebola que os produtores colhiam na vazante. Contava-se nos dedos, as vezes que não era encontrado participando de conversas compridas, relatando fatos passados, relembando ocorrências, com teor político ou comercial. As pessoas o ouviam, riam do estilo cômico, mas nem sempre se sentiam à vontade para fazê-lo com alarde. Não ousavam se afastar com medo de que ficasse chateado, mas também não se atreviam a pedir que permanecesse por mais tempo. Vez ou outra faziam uma graça, mas num tom quase inaudível com que se haviam habituado a apupá-lo.

Estava fazendo um mês naquele dia, que eu havia me acidentado. Carregava na mão enferma o trauma, contudo, me sentia sarado. Era como se o sonho – agora real - houvesse posto sobre ela o azul, afastando a lesão, removendo as dores, reabilitando-a. Temístocles deu dois passos e virou de pneus para cima a bicicleta. Uma fina camada de terra que havia se alojado sobre o cimento, entrou em atrito com a cela. Retirou o aro cromado sob nossos olhares. Extraiu o eixo, o suporte de esferas, e com a ponta do indicador, depois de tê-lo devolvido ao local, aplicou uma graxa amarelada, que no contato com a luz ficou da cor de mel e com a textura do doce de leite.

Juca Francelino encontrou, ao retornar, a lubrificação que encomendara, concluída, eu ainda incrédulo admirando a bicicleta, sem caber em mim de satisfação. Fui devolvido ao banco, à loja quente e cheia de gente comprando utilidades, fui devolvido pelos fatos recentes e a alegria revirando as lembranças. Meu único bem era um sonho azul e eu o estimava. Quanto mais observava, mais a realidade se tornava distante, perdida no vazio, inalcançável. Temístocles avisou que estávamos liberados e partimos para a cidade de Tamandaré dos Açores. Minha bicicleta, uma Monark azul, 1979, iria servir para me deslocar entre Beberaba e a cidade, e percorrer a distância entre a minha casa e o roçado do mato e entre este e a minha casa.

Combinamos que seguiríamos juntos, para termos o apoio um do outro. Disse que estava com pressa, que a viagem era longa, além de ter que explicar os motivos que me levavam a correr contra o tempo. As bicicletas eram novas, testaríamos o desempenho no caminho até a cidade, sem maiores

esforços. O rosto de Juca Francelino se contraía, o meu ia se mantendo fechado e Emiliano persistia na ideia de que a sugestão estava aceita. Temístocles tinha alinhado mais uma roda e a testava fechando um dos olhos, sob o olhar fixo e exigente do que ficava aberto, que o aferia mediante alguns giros. Meu temor era que chegasse tarde a casa, perdesse a prova a que iria me submeter e compromettesse a aprovação no final do ano. Que exigisse qualquer outro favor, qualquer coisa que estivesse ao alcance, algo com o qual eu pudesse aceder. Mas daí ao entendimento de que eu iria minimizar o risco, ia uma linha tênue.

Emiliano, enfim, cruzou a porta que dava para a rua, quando voltou às recomendações no momento de ir para a parada. Da oficina o vi pegando o ônibus, rostos que apareciam nas janelas, uma mão que acenava para familiares que ficavam e um vendedor de picolé, que caminhava em sentido contrário, gritando: “olhe o caseiro!”. Com o passar do tempo, me peguei algumas vezes realizando a reconstituição mental daquele dia e tive os pensamentos inundados por algumas boas lembranças, umas tantas razoáveis, outras nem tanto.

Era a primeira vez que eu iria de uma cidade para outra de bicicleta, numa estrada asfaltada. Já a conhecia, estava acostumado, achava bonito observar que os automóveis se cruzavam sem se tocar, com destinos diversos, com pessoas, transportando o progresso, o rádio dizia. Mas eu queria levar a bicicleta e, sem outra alternativa – já que não havia veículo disponível e com essa finalidade – me motivava ir de encontro ao perigo, vislumbrar a paisagem, com suas casas de taipa e tijolo, seus cercados cobertos de cascalho e as veredas abertas na caatinga, crestada pela seca, com aspecto de queimada e sem sustância. Nos primeiros quilômetros, me esforcei para que Juca Francelino não se distanciasse. Diminuí o ritmo, parava, esperava que chegasse mais perto, sem sucesso. Quanto menos eu me esforçava, mais o via distante, sendo empurrado para longe. Depois o vi sumindo, sumindo, até a hora de desaparecer e eu perder o contato e a paciência e só voltar a vê-lo quando chegasse. Parecia cansado e se arrastava.

Não demorei em casa senão o tempo de me arrumar e retornar para a escola. Meu pai lia na sala mais um romance, minha mãe lavava na cozinha a louça que eu havia sujado. Despedi-me, me endereçou um “Deus te acompanhe!”, e eu saí com a rapidez que o cumprimento de mais uma jornada perseguia. Em casa tinha um despertador, que era um relógio dentro de outro relógio e tanto servia para indicar a hora, quanto para avisar a hora de acordar. Minha mãe nunca deixava de programá-lo mesmo acordando cedo. Ela o mantinha limpo, com o mesmo brilho de quando o adquiriu e removia com um pano cinza as digitais que ficavam do manuseio na hora de dar corda. A bicicleta aguardava no terreiro o momento de ser acionada. Quando chegasse,

o número das que ocupavam o espaço que lhes haviam reservado na escola, seria acrescentado, e a exposição em que parecia haver se transformado, ampliada. A curiosidade dos que iriam olhar quando me vissem, talvez soubesse com exatidão quantas ocupavam a área.

Quando o atendente me pediu que sentasse e mostrasse a mão enferma, examinou com a ponta de um dos dedos meus dedos sob o gesso, me dirigiu algumas perguntas e fez anotações num formulário que eu julguei que fossem as respostas. Emiliano tinha ficado na sala de espera, me aguardando. Havia outras pessoas e apenas uma pequena quantidade das que iam buscar atendimento, não o conheciam. Falava com todos, cumprimentava e era cumprimentado pelos que chegavam. Frequentava havia muito tempo a repartição, que se lhe parecia familiar. Sentia-se como se estivesse limpando no roçado, numa reunião com os trabalhadores, no Sindicato que presidia. Por sua desenvoltura muitos o admiravam. Elogiavam-no por conhecer o passo a passo dos pedidos, o procedimento e os trâmites dos processos que iam sendo atuados. Voltei do atendimento sem entender por que tive de ir àquela sala mostrar àquele homem que me atendeu que meus dedos não tinham movimento. Lembrei-me que, no dia seguinte, um dia depois de ter me acidentado, Emiliano havia sugerido: “vamos fazer o acidente!”, mas eu não entendi. As palavras me soaram vagas, incompreensíveis, obscuras. Talvez por que eu ainda não soubesse da existência desse direito, que seria remunerado por ter quebrado a mão. E nem mesmo quando me dirigi com Emiliano para a agência do Funrural em Riachinho, tive ideia do que seria.

A enfermidade sarou em trinta dias, embora a mão permanecesse inflamada e, pela ausência de exposição ao sol, branca. Não havia remédio na unidade de saúde para onde tinha sido levado e o médico que me atendeu não pôde prescrever. Disse-me apenas que voltasse em um mês, quando iria fazer a retirada do gesso que havia colocado e que o prazo seria contado do dia seguinte ao do atendimento. Retornei no mesmo dia para o serviço com pouca aptidão e algumas dores. Procurei algo mais leve para fazer, seria mais prudente, menos arriscado. Como não havia, não tive alternativa e o jeito foi voltar a carregar feixes e mais feixes de madeira nos braços, deixá-los em pé, auxiliar na execução de outros serviços, para que o remonte das cercas do roçado não ficasse prejudicado.

Eu ainda convalescia quando as perguntas sobre a volta ao serviço foram se repetindo. Perguntavam se saía para jogar bola, se ia para o rio, falavam que era a primeira vez que uma luxação demorava tanto para sarar, que a minha geração era preguiçosa e que gostava de adoecer pra escapar aos deveres. Meu pai as respondia com calma, dizia que a minha volta estava próxima, que havia me acidentado trabalhando, que estava em benefício. Falava da seca, da dificuldade dos mais pobres, do Plano de Emergência que

estava ali para socorrê-los, mas sua voz era como um sopro que se dissipava na atmosfera, sem alcance do que mirava. “Melhor silenciar!”, dizia. Afinal, eram insinuações, tinham origem na má vontade do dono do serviço, refletiam no ímpeto do menino que orientava, mas não se sustentavam: “Você agora tá como quer!”, repetia em tom de deboche sempre que me via passar.

Voltei ao roçado anos depois, para ver se ainda existia. O encontrei largado, desfigurado, irreconhecível. Estava diferente, mas eu também havia mudado. Havia agregado valores, enquanto ele os havia perdido. Já não se viam cercas, cuidados, proteção. Havia animais e aparecia reflorestado. Tinha, na linguagem de meu pai, virado capoeira! Ampliei a percepção de que havia crescido intelectualmente, aberto caminhos, alçado voos mais altos, sido arrojado. Se nos puséssemos a olhar o que fomos e o que éramos, constataríamos que a distância entre a evolução e o declínio, era significativa. Podia ser que, do ponto de vista dos contrastes, houvesse isonomia, embora não me parecesse perceptível, porque ali era eu por mim, ele por ele, cada um com sua cruz. Ele com a cruz de anjo, referência, triste lembrança à margem do caminho, eu com a responsabilidade.

Cheguei em cima da hora ao colégio para um início de noite que eu julgava fosse menos carregado que o dia. Tinha pressa, buscava ganhar tempo e diligenciava ir para a sala antes que a sirene tocasse. Vi na entrada uma disputa por espaço, estudantes exigindo passagem, de cabelo molhado, de todo jeito. Iriam fazer prova e chegavam com um razoável nível de estresse. Eu, particularmente, estava tranquilo, com os nervos no lugar, apesar do dia enfadonho, que não deixou de ser produtivo. Poderia ter sido pior. Isso porque, ao atravessar a rodovia, que era a extensão de uma rua central de Tamandaré dos Açores, ouvi um grito de “Ei!” e resolvi parar. Era Juca Francelino que chegava e, ao perceber que era eu quem passava, teve a curiosidade de saber se eu também estava chegando. Julguei que, como havíamos saído juntos, mas tivemos que nos distanciar, no curso da viagem, Juca Francelino não tivesse gostado e viesse pedir satisfação, no momento que chegava da cidade de Riachinho. Respondi que chegava de casa e já estava a caminho da escola. Foi quando ele, em tom de aceitação, todavia, visivelmente contrariado, disse olhando bem fundo nos meus olhos, que a corrida que eu havia encetado para chegar antes dele na cidade, era um ato de covardia para o qual não havia perdão. Embora eu ainda fosse um menino e ele um velho. Mas um velho que não vergava, que nunca se deixava abater, que a nada temia, nem quando era criança. Dizia. Porque menino é como pinto, não se sustenta só, não sai debaixo das asas da galinha, depende da mãe aonde quer que vá. Insinuou que eu era igual e não saberia ter ido a Riachinho se Emiliano não tivesse levado. Tinha razão. Minhas idas a Riachinho eram raras e com pessoas do meu convívio, como meus pais ou tio. Fiquei com

medo das palavras ameaçadoras que proferiu e passei a temer pelo pior. Comecei a ficar nervoso e a tremer dos pés à cabeça depois que as escutei. Com ele se dava o contrário, continuou: - Era ele quem, muitas vezes, levava gente para os hospitais, para consultas, para renovar de documentos, aonde as pessoas quisessem que ele fosse. Por isso, insistia, nunca havia precisado de um guia quando teve que ir a Riachinho. Porque sabia para onde ir, como sair, sem o risco de se perder. E se houve demora na chegada, tinha sido por opção, não queria correr e não correu. Não precisava, mas tinha sido covardia. Naquela hora, senti o medo e os tremores aumentarem, eu me tornar inteiramente impotente e um líquido morno e repentino molhar a calça que eu pretendia exibir enxuta. Tentei balbuciar uma resposta que fosse capaz de me afastar daquela encrenca, sem sequela e vivo. Até que me veio a ideia salvadora e eu bradei a plenos pulmões: - Sou um meniíiiiiino! Juca Francelino se assustou, tentou impor uma rapidez à bicicleta, que nunca ninguém viu. Contudo, após tentar firmar o pé direito sobre o pedal, na ânsia de dar partida à condução, escorregou e senti suas intimidades se chocarem com o varão, o que o levou a lançar alguns gemidos e contorcer-se em dor. Aliviado, retomei o caminho para a escola.

Fim.

CHUVAS EM GOV. DIX- SEPT ROSADO 2018 - 2022

Por Hudson Carlos

As chuvas ocorridas no município de Gov. Dix sept Rosado nos últimos 5 anos, foram de modo geral satisfatórias. Embora muitas vezes caindo de forma irregular, o período chuvoso (inverno como costumamos chamar) atingiu uma quantidade de milímetros bastante elevada entre os meses de janeiro a maio, contando ainda com algumas precipitações em junho e julho.

Entre os anos de 2018 e 2022 os índices pluviométricos atingiram uma quantidade total entre 550 e 1000 mm de chuvas a cada ano. Abaixo segue a relação das chuvas ocorridas no município de gov. Dix sept rosado entre os anos de 2018 e 2022, separadas por anos, meses e dias de cada chuva.

Ano de 2018

Janeiro

06/01 — 13 mm
10/01 — 10 mm
17/01 — 04 mm
19/01 — 09 mm
20/01 — 10 mm
23/01 — 18 mm
27/01 — 17 mm
Total mês = 81mm

Fevereiro

10/02 — 37 mm
11/02 — 02 mm
14/02 — 15 mm
15/02 — 38 mm
17/02 — 06 mm
Total mês = 98 mm

Março

05/03 — 06 mm

06/03 — 02 mm
20/03 — 02 mm
27/03 — 74 mm
28/03 — 50 mm
29/03 — 09 mm
30/03 — 23 mm
Total mês = 166 mm

Abril

01/04 — 02 mm
06/04 — 24 mm
07/04 — 22 mm
08/04 — 33 mm
11/04 — 23 mm
12/04 — 62 mm
13/04 — 13 mm
14/04 — 05 mm
15/04 — 58 mm
16/04 — 60 mm
17/04 — 28 mm

20/04 — 36 mm
21/04 — 06 mm
22/04 — 30 mm
23/04 — 58 mm
26/04 — 12 mm
27/04 — 15 mm
28/04 — 02 mm
30/04 — 68 mm

Total mês = 554 mm

Maio

17/05 — 40 mm
21/05 — 21 mm
25/05 — 08 mm
Total mês = 69

Junho

07/06 — 05 mm
08/06 — 07 mm
Total mês = 12 mm
Total ano = 980 mm



Ano de 2019

Janeiro

04/01 — 04 mm
05/01 — 04 mm
06/01 — 42 mm
07/01 — 04 mm
16/01 — 06 mm
19/01 — 04 mm
Total mês = 64 mm

Fevereiro

03/02 — 02 mm
04/02 — 10 mm
05/02 — 20 mm
06/02 — 30 mm
10/02 — 08 mm
11/02 — 06 mm
13/02 — 21 mm
16/02 — 07 mm
17/02 — 14 mm
18/02 — 10 mm

23/02 — 06 mm
25/02 — 10 mm
26/02 — 13 mm
28/02 — 06 mm
Total mês = 163 mm

Março

01/03 — 07 mm
02/03 — 06 mm
03/03 — 05 mm
04/03 — 14 mm
12/03 — 04 mm
13/03 — 02 mm
14/03 — 22 mm
21/03 — 42 mm
23/03 — 07 mm
27/03 — 10 mm
28/03 — 28 mm
29/03 — 26 mm

30/03 — 06 mm
Total mês = 180 mm

Abril

03/04 — 18 mm
04/04 — 05 mm
07/04 — 07 mm
11/04 — 18 mm
12/04 — 05 mm
13/04 — 20 mm
20/04 — 55 mm
Total mês = 128 mm

Maiο

15/05 — 18 mm
21/05 — 05 mm
24/05 — 15 mm
Total mês = 38 mm

Total ano = 573 mm



Ano de 2020

Janeiro

07/01 --- 04 mm

10/01 --- 21 mm

21/01 --- 15 mm

23/01 --- 21 mm

27/01 --- 09 mm

Total mês = 70 mm

12/03 --- 27 mm

15/03 --- 10 mm

23/03 --- 11 mm

24/03 --- 27 mm

25/03 --- 21 mm

27/03 --- 10 mm

29/03 --- 05 mm

Total mês = 214 mm

06/05 --- 04 mm

15/05 --- 12 mm

18/05 --- 07 mm

20/05 --- 29 mm

24/05 --- 49 mm

30/05 --- 25 mm

31/05 --- 11 mm

Total mês = 141 mm

Fevereiro

01/02 --- 16 mm

02/02 --- 28 mm

04/02 --- 09 mm

07/02 --- 05 mm

15/02 --- 04 mm

20/02 --- 18 mm

21/02 --- 48 mm

28/02 --- 04 mm

Total mês = 132 mm

Abril

02/04 --- 24 mm

04/04 --- 37 mm

05/04 --- 19 mm

11/04 --- 11 mm

20/04 --- 46 mm

21/04 --- 20 mm

22/04 --- 60 mm

23/04 --- 55 mm

28/04 --- 08 mm

29/04 --- 35 mm

30/04 --- 18 mm

Total mês = 333 mm

Junho

04/06 --- 05 mm

06/06 --- 12 mm

09/06 --- 36 mm

Total mês = 53 mm

Julho

06/07 --- 38 mm

Total mês = 38 mm

Março

01/03 --- 36 mm

02/03 --- 28 mm

04/03 --- 07 mm

06/03 --- 04 mm

07/03 --- 28 mm

Maio

02/05 --- 04 mm

Total ano = 998 mm



Ano de 2021

Janeiro

20/01 --- 25 mm
 Total mês = 25 mm

22/03 --- 04 mm
 24/03 --- 05 mm
 25/03 --- 06 mm
 26/03 --- 25 mm

22/04 --- 09 mm
 29/04 --- 14 mm
 Total mês = 171 mm

Fevereiro

09/02 --- 28 mm
 11/02 --- 15 mm
 16/02 --- 65 mm
 17/02 --- 04 mm
 24/02 --- 06 mm
 26/02 --- 15 mm
 28/02 --- 26 mm
 Total mês = 159 mm

27/03 --- 05 mm
 28/03 --- 20 mm
 Total mês = 97 mm

Mai

01/05 --- 07 mm
 02/05 --- 14 mm
 03/05 --- 100 mm
 04/05 --- 36 mm
 05/05 --- 10 mm
 06/05 --- 11 mm
 31/05 --- 12 mm
 Total mês = 190 mm

Abril

06/04 --- 09 mm
 10/04 --- 15 mm
 11/04 --- 32 mm
 12/04 --- 44 mm
 13/04 --- 12 mm
 14/04 --- 06 mm
 15/04 --- 04 mm
 18/04 --- 21 mm
 20/04 --- 05 mm

Junho

02/07 --- 25 mm
 03/07 --- 08 mm
 Total mês = 33 mm
 Total ano = 675 mm

Março

03/03 --- 03 mm
 04/03 --- 10 mm
 07/03 --- 05 mm
 11/03 --- 14 mm



Ano de 2022

Janeiro

01/01 ---- 05 mm
 02/01 ---- 37 mm

03/01 ---- 06 mm
 06/01 ---- 05 mm
 11/01 ---- 16 mm

12/06 ---- 16 mm
 13/01 ---- 32 mm
 14/01 ---- 09 mm

15/01 ---- 12 mm
 16/01 ---- 16 mm
 17/01 ---- 31 mm
 27/01 ---- 39 mm
 28/01 ---- 28 mm

Total mês = 252 mm

Fevereiro

02/02 ---- 22 mm
 14/02 ---- 12 mm

18/02 ---- 04 mm
 19/02 ---- 11 mm

Total mês = 49 mm

Março

06/03 --- 06 mm
 10/03 --- 08 mm
 16/03 --- 75 mm
 17/03 --- 35 mm
 18/03 --- 05 mm
 21/03 --- 10 mm
 22/03 --- 36 mm
 25/03 --- 21 mm
 29/03 --- 05 mm

Total mês = 201 mm

Abril

01/04 --- 44 mm
 03/04 --- 12 mm
 04/04 --- 29 mm
 07/04 --- 20 mm
 17/04 --- 68 mm
 20/04 --- 11 mm
 23/04 --- 21 mm
 24/04 --- 14 mm
 29/04 --- 08 mm

Total mês = 227 mm

Maior

04/05 --- 20 mm
 06/05 --- 07 mm
 11/05 --- 15 mm
 14/05 --- 07 mm
 17/05 --- 10 mm
 21/05 --- 30 mm
 24/05 --- 34 mm
 26/05 --- 05 mm
 27/05 --- 08 mm

28/05 --- 04 mm
 30/05 --- 28 mm

Total mês = 168 mm

Junho

01/06 --- 50 mm
 02/06 --- 04 mm
 06/06 --- 12 mm
 09/06 --- 06 mm

Total mês = 72 mm

Julho

04/07 --- 10 mm
 06/07 --- 10 mm
 07/07 --- 05 mm
 08/07 --- 04 mm
 21/07 --- 04 mm

Total mês = 33 mm

Agosto

03/08 --- 05 mm

Total mês = 05 mm

Total ano = 1007 mm



ALGUMAS CURIOSIDADES SOBRE ESSES 05 (CINCO) ANOS DE INVERNO EM NOSSO MUNICÍPIO COM RELAÇÃO ÀS CHUVAS:

No mês de **janeiro**, nos dias 08, 09, 18, 22, 24, 25, 29, 30 e 31 não ocorreu nenhuma chuva durante os últimos cinco anos. No ano de 2021 ocorreu apenas uma chuva durante todo o mês de janeiro, fato ocorrido no dia 20.

No mês de **fevereiro** não ocorreram precipitações pluviométricas nos dias 08, 12, 22 e 27. Sendo de todos os fevereiros o fevereiro de 2022 que menos choveu totalizando apenas 49 milímetros de chuva.

Em **março** não tivemos chuva em nenhum dos cinco anos nos dias 08, 09, 19 e 31. Em março de 2020 e 2022 o mês de março registrou mais de 200 milímetros de chuva em cada um desses anos.

No mês de **abril** os dias que não ocorreram precipitações de chuvas nos últimos cinco anos foram 09, 19, 25. Dos 980 milímetros de chuvas do ano de 2018, 554 milímetros ocorreram no mês de abril.

No mês de **maio** os dias 07, 08, 09, 12, 13, 16, 19, 22, 23, 25, 29 não ocorreram chuvas em nenhum destes cinco anos, porém, no dia 03 de maio de 2021 aconteceu a maior chuva destes cinco anos, 100 milímetros.

No mês de **junho** vou divulgar apenas os dias em que ocorreram chuvas que foram os dias 01, 02, 03, 04, 06, 07, 08, 09, 10. Nos outros dias do referido mês não ocorreu chuvas em nenhum dos cinco anos. No ano de 2019 não ocorreram chuvas no mês de junho.

Nos últimos cinco anos o mês de **julho** ocorreu apenas uma (01) chuva no dia 06/07/2020 e depois nos dias 04, 06, 07, 08 e 21 do mês de julho de 2022. Então durante todos os meses de julho desses 05 anos choveu apenas 72 milímetros.

No ano de 2022, ocorreu uma chuva de 05 milímetros no dia 03 de **agosto** e em setembro e também no mês de outubro mas os milímetros não foram registrados.

*É importante lembrar que essa quantidade está relacionada a apenas um pluviômetro. E portanto, essa não é a média de chuvas do município e sim a quantidade total de chuvas em uma determinada área da cidade, já que algumas vezes, em algumas regiões da cidade choveu e na área onde estava o pluviômetro que registrou esses números não ocorreu chuva.

GRÁFICO DAS CHUVAS POR MÊS DE CADA UM DOS ANOS ENTRE 2018 E 2022



PAI JOÃO, UM VISIONÁRIO

Por Antonio Pedro da Costa

(Discurso proferido em 04 de abril de 2.022 durante a sessão solene da ACADEMIA DIXSEPTIENESE DE HISTÓRIA em homenagem a João Carlos de Oliveira)

Em primeiro lugar é motivo de agradecimento por todos as forças que conspiraram para que estejamos aqui nesta solenidade.

Desnecessário nos alongarmos para descrever os momentos de angústia, perdas, inseguranças que fizeram parte das nossas vidas, sem exceção, nos últimos tempos

A pandemia fez um buraco de dois anos em nossas vidas, foram momentos de baixa ou nenhuma produtividade, de isolamento, internamentos hospitalares, de mortes, de choro, de depressão. Mas mais uma vez sobrevivemos, pois somos eternos sobreviventes: horas da fome, horas do analfabetismo, horas da ignorância. Por fim sobrevivemos ao terrível vírus da covid 19.

Portanto, se aqui continuamos, temos a obrigação de nos sentirmos cada vez mais gratos pela vida e procurarmos dar a nossa contribuição, por mais singela que possa nos parecer, para a construção de um mundo melhor, mais humano e de justiça para todos.

Entendo que nesse contexto se insere o papel da Academia Dix-septiense de História: fazer o bem, divulgar o bem e a verdade. Fazer História



Foto: Acervo Particular da Família

não se limita a reproduzir fatos friamente sem qualquer senso crítico, mas interpretá-los e os interpelá-los à luz da verdade. A história invariavelmente está do lado do poder constituído ou de quem a escreve ou a divulga. Daí a necessidade de buscarmos elementos diversificados para interpretar os fatos históricos.

Daí, eu particularmente me sinto no dever de resgatar figuras que fizeram história em nosso município e hoje se encontram praticamente no anonimato. Pessoas que levaram a vida fazendo o bem, gratuitamente, somente pelo prazer de servir.

Quero pedir licença aos familiares presentes para neste momento registrar a memória de João Carlos de Oliveira. Esse homem pobre de bens materiais foi dotado de uma riqueza espiritual extraordinária, foi um sábio perdido na caatinga desse município e dos municípios vizinhos no final do século XIX e início do século XX.

João Carlos de Oliveira nasceu em 26 de outubro de 1884 e em 01 de Janeiro de 1938, com apenas 53 anos de idade, veio a óbito. Casou-se com Joana Francisca de Oliveira, tendo como resultado desse enlace 10 filhos que chegaram à idade adulta: Josias, Jonas (meu sogro), José, João e Joel; mais as mulheres: Elita, Ester, Elzira, Ezilda e Francisca.

Se dedicou a homeopatia, receitava remédios homeopáticos e muitas vezes se deslocou de São Sebastião (hoje Governador Dix-sept Rosado) a Mossoró, retornando em seguida, montado num jumento para buscar as pílulas que viriam quase sempre amainar a dor e o sofrimento causados pelas diversas doenças da época. Dizem que o jumento sabia os percursos que ele costumava fazer e que João Carlos dormia por horas montado, enquanto se deslocava de um lugar para outro.

Ele se dedicou com tanto amor à homeopatia, curou a tantos gratuitamente, que começaram a dizer que aquele homem era um “pai”. Daí veio “Pai João” (como se tornou conhecido).

Outro diferencial de Pai João para aqueles tempos era o fato dele ser um assíduo leitor. Lia muito e era muito bem informado para a sua época. Aliás, em tudo foi um homem muito adiante do seu tempo. Pegava os jornais do sul/sudeste do país com o senhor Santídio Gurgel e os lia sofredamente. Nem esperava chegar ao sítio onde morava. Enquanto se deslocava da rua para a casa, como sempre, montado no seu jumentinho, ia lendo os jornais adquiridos. Quando chegava ao destino já havia terminado de ler o jornal.

Desnecessário dizer que os jornais eram atrasados, pois demoravam até chegarem ao povoado de São Sebastião; mas era o máximo, tendo em vista o atraso tecnológico do seu tempo.

Pai João não se contentava em guardar para si próprio as informações adquiridas com suas leituras. Em rodas de vizinhos, ao cair as noites, lia os jornais e ou interpretava as notícias que tomara conhecimento, compartilhando com aquela gente analfabeta a riqueza do saber.

Não bastasse tudo isso, Pai João se destacou mesmo como professor, tinha uma vocação incontrolável para ensinar o caminho da escrita e da leitura. Fez da sua casa e da sua mesa de refeições, a escola onde alfabetizava homens e mulheres adultos e crianças. E ainda, soubesse Pai João que em determinada comunidade rural, seja em São Sebastião (Governador Dix-sept Rosado), Pedra de Abelha (Felipe Guerra) ou Caraúbas havia um grupo de pessoas analfabetas interessadas em aprender a ler e a escrever, lá ia ele na inseparável montaria e ali permanecia naquela comunidade o tempo necessário até que as pessoas aprendessem o domínio leitura e da escrita.

Pai João fazia isso gratuitamente. Nunca cobrou nada de ninguém.

Mas, a educação dos mais pobres sempre foi uma pedra nos sapatos dos poderosos. Um pobre letrado é um perigo. Ainda hoje é assim.

Por isso Pai João foi duramente perseguido pelos poderosos do seu tempo. A família que dominou durante décadas a nossa região perseguiu ao máximo aquele homem do bem, culminando, inclusive, com sua prisão. Qual crime Pai João cometeu? Ensinou gratuitamente os pobres a ler e a escrever e fez o bem indistintamente.

Este é um retalho da nossa história que temos a obrigação de guardar e deixar para que as gerações presentes e futuras tomem conhecimento. Infelizmente o nosso poder público municipal, executivo ou legislativo, por seus representantes e gestores, jamais se preocupou em resgatar e preservar a memória dos seus filhos que se conduziram como verdadeiros heróis em tempos tão sombrios. Muito obrigado.

FAMÍLIA CARLOS

Maria Dilma de Moraes
Antonia Idaisa da Costa

Apresentação

Conhecer a trajetória de vida dos nossos antepassados, sempre foi um sonho por nós acalentado permanentemente. A realidade e os sonhos conjulgavam-se estimulando o nosso desejo de resgatar as origens, a cultura e a história dos nossos ancestrais e, assim, debruçarmo-nos com muita avidez e perspicácia a pesquisas, dando ênfase a pequenos dados existentes como instrumentos de investigação. Os relatos de familiares enriqueciam a cada dia o nosso trabalho e nos proporcionavam um amplo conhecimento de nossas raízes. A cada indagação descobriammos perplexos a solidez, a soberania e a constância de uma família sertaneja que desabrochou no solo cearense (terra de Iracema “ virgem dos lábios de mel ” – segundo José de Alencar) e seguindo os percalços da vida numa incostância sem tregua de uma realidade ora amena, ora ingrata, veio aclimatar-se e criar raízes o nosso solo potiguar. Essa valiosa família cujos feitos nos orgulham foi protagonizada pela figura memorável de Carlos Vidal de Meneses. “ O sertanejo é antes de tudo um forte” (Euclides da Cunha)

Família Carlos

Tudo começou com a energética figura de Carlos Vidal de Meneses, proveniente de Sobral no Ceará fugindo talvez do desolador aspecto da seca que sempre dezimou o nosso sertão, deixou sua terra natal, na segunda metade de século XVIII, com sua esposa e tres filhos, Manoel, Antonio e José vindo fixar moradia no sítio livramento, municipio (naquela época vilarejo) de caraubas . agricultor de grande firmeza e conhecimento da vida agrícola encontrou no solo ppotiguar novos horizontes para sua vida e agasalho para sua familia, aumentando-a com o nascimento de mais dois filhos . Francisco, que se tornou grande vaqueiro da região de caraubas, e Joao, este indo para os lados de Umarizal. Desses dois não se tem mais nenhuma informação.

O Sr. Carlos Vidal além de exímio conhecedor da terra, era muito inteligente, alfabetizado; lia, escrevia e calculava com fluência, herança que deixou para toda sua descendência. Forte como o mandacaru conhecia como ninguém os percalços do tempo de bonança aos aspectos exaustivos da seca, ensinando a seus filhos desde o beabá as durezas da vida, era indispensável fazer-lhes frente, a seu exemplo, seus filhos criaram-se homens fortes e corajosos, sábios por natureza, logo estavam prontos pra enfrentar desafios, seguir novos rumos, amaciar a dureza do nosso sertão, aclimatar-se a novas terras, construir famílias.

Manoel Carlos de Meneses

Manoel Carlos de Meneses, filho de Carlos Vidal de Meneses, casou-se com Joana Alexandrina de Oliveira, no sítio Encanto, veio fixar residência no sítio Tapuio no oeste das terras de São Sebastião, hoje; município de Governador Dix-sept Rosado. morador de um padre que vinha de Mossoró assistir na freguesia da capela de São Sebastião. O referido padre comprara um terreno no referido sítio acima citado e Manoel Carlos passou a ser seu cuidador exercendo a profissão agropecuária. A exemplo de seu pai, Manoel Carlos era por excelência um grande agricultor e com muito esforço e trabalho no cultivo do milho, do feijão e da criação de gado, lutou até conseguir uma pequena economia e comprou um pedaço de terra no sítio Aguilhadas, limitando-se ao norte com Otaviano de Andrades e ao sul com terras de Joao Papagaio a quem comprara suas terras. Com Joana, sua esposa trabalhou e construiu uma família de nove filhos.

Um homem inteligente e corajoso logo familiarizou-se ao lugar. Seu filho mais velho era Joao, menino dotado de rara inteligência, seguido de toda prole. Com o nascimento de seu filho mais novo (Antonio Carlos) perdera sua esposa Joana. Viuvo passou a criar sozinho seus oito filhos, pois o recém-nascido foi levado para ser criado por seu irmão, Antonio Carlos de Meneses que residia próximo. Após alguns anos de viuvez casou-se com Alta da Conceição, e dessa união nasceram dois filhos, Henrique e Henriqueta que faleceram nos primeiros (anos) meses de vida. O casal, então, adotou José, conhecido como José de Alta, era filho de Joao de Oliveira do sítio Cafundó, e mais tarde adotou Vicência, sobrinha de Alta.

Filhos (as) de Manoel Carlos de Meneses e respectivos esposas e esposos

- João Carlos de Oliveira – esposa - Joana
- Manoel Carlos de Oliveira – esposa - Joana Batista
- Luzia Carlos de Oliveira - esposo - Sebastião
- José Carlos de Oliveira - esposa - Marcelina
- Pedro Carlos de Oliveira - solteiro
- Vitor Carlos de Oliveira - solteiro
- Francisco Carlos de Oliveira - solteiro
- Maria Carlos de Oliveira - esposo - Cirilo
- Antonio Carlos de Oliveira - esposa - Sebastiana

Vale salientar que o sobrenome “Oliveira”, herdado da mae Joana Alexandrina de Oliveira se deu para se diferenciar do sobrenome “Meneses” do restante da familia.

Dos filhos de Manoel Carlos, destacaram-se:

• **João Carlos de Oliveira**, filho primogenito, nasceu em 26 de outubro de 1884, um homem dotado de grande inteligencia, religioso, homeopático e professor. Deixou sua profissao de comerciante para se dedicar ao oficio de professor que era sua paixão. Em vários lugares deixou a sua marca de professor . ensinou em Ursulina e Apanha Peixe em Caraubas; São Lourenço e Sabe Muito em Apodi, Bonito e Aguilhadas – Hoje Governador Dix-sept Rosado. Sabemos que foram seus alunos: Moisés evaristo, Sebastião Mauricio, Pedro e Benigno de Pantaleão entre outros. Ua de suas grandes frustrações foi a promessa por parte de alguns políticos de Mossoró (a quem pertencia nosso municipio na época), da construção de uma escola na localidade de Aguilhadas. Morreu antes da escola ser implantada.

João Carlos alem de excelente professor, era um homem solidário com sua comunidade, prestando inumeros favores receitado remédios homeopaticos. Quando alguem adoecia, caso inspirasse maiores cuidados recorria-se a Pai-João como era conhecido na região, por causa de sua paternal preocupação com todos. Afim de ressolver os problemas de sua comunidade madrugava a caminho de Mossoró montado no lombo de um burro ou de um jumento. Para alimentar a crença em Deus lia a biblia para as

peças e para curar usava seu livro verde de homeopatia. Pai-João deixou para todos que o amavam e admiravam, além de uma grande saudade um grande legado de amor, honestidade e solidariedade para seus filhos.

Foi pai de dez filhos (as), os quais casaram-se:

- Jonas Carlos de Oliveira - casado com Maria Silvina de Meneses Oliveira;

- João Carlos Filho - casado com Ismênia Dias;

- José Carlos de Oliveira Sobrinho - casado com Elsa Gusso de Oliveira;

- Elita Carlos de Oliveira - casada com Jose Lopes da Costa;

- Ester Carlos de Oliveira - casada com Tiburcio Firmino;

- Josias Carlos de Oliveira - casado com Maria José Soares;

- Elzira Carlos de Oliveira - casada com Sebastião Enéias;

- Ezilda Carlos de Oliveira - casada com Antonio Oliveira;

- Francisca Esilda - casada com Osvaldo Romão de Oliveira;

- Joel Carlos de Oliveira - casado com Maria Salomé.

• **Maria Carlos de Oliveira**, também exerceu a profissão de professora em algumas ocasiões em substituição ao seu irmão João Carlos. Exercia a profissão de costureira e casou-se com Cirilo com quem teve três filhos

- Otacília casou-se com Cícero Caiana;

- Odete casou-se com José Rosado;

- Orcineia casou-se com Francisco Rosado.

• **Antonio Carlos de Oliveira**, irmão caçula da família, agricultor e também professor na maioria das vezes em substituição ao irmão João. Era um homem muito inteligente e amigo de todos. Casou-se com Sebastiana Maria de Oliveira e tiveram quatro filhos. Um deles, Zacarias, morreu com sete anos de idade. Os outros três:

- Sebastião Carlos casou-se com Maria Salomé;

- Maria Apolonia casou-se com Sotero Marcelino

- Constantina Firmino casou-se com Secundo Amadeu

Os outros filhos de Manoel Carlos eram agricultores:

• **Manoel Carlos Filho**, casou-se com Joana Batista, constituíram uma família de dez filhos:

- João Carlos de Oliveira casou-se com Maria Dolores;
- José Carlos de Oliveira casou-se em São Paulo;
- Genézio Carlos de Oliveira casou-se com Maria Carlos;
- Eulina Carlos de Moraes casou-se com Manuel Vitor;
- Maura Carlos casou-se com Jerson;
- Maria Salomé casou-se com Sebastião Carlos;
- Sebastiana Carlos da Costa casou-se com Francisco Pantaleão;
- Expedito Carlos da costa casou-se com Maria Matilde;
- Francisco Carlos de Oliveira Sobrinho casou-se com Luzia;
- Antonio Carlos de Oliveira casou-se com Soledade.

• **José Carlos de Oliveira**, casou-se com Marcelina e tiveram cinco filhos:

- Francisco José de Oliveira que se casou com Francisca;
- Raimundo Jose de Oliveira que se casou com Antonia Sebastiana;
- Sebastião José de Oliveira que se casou com Neci Miranda;
- Joana Marcelina de Oliveira que se casou com Raimundo Lopes
- Matilde Carlos de Oliveira Moraes que se casou com Anélio de Sousa.

• **Luiza Carlos de Oliveira**, casou-se com Sebastião Carlos e tiveram cinco filhos:

- Maria Carlos que casou-se com Genésio Carlos de Oliveira;
- Manoel Carlos Casou-se no estado do Paraná;
- Luzia Carlos que também se casou no estado do Paraná;
- Rita Carlos e Joana Carlos não se casaram.

Obs: Pedro Carlos de Oliveira, Vitor Carlos de Oliveira e Francisco Carlos de Oliveira, não constituíram família, (ambos eram deficientes visuais). Viveram sob os cuidados dos irmãos.

Antonio Carlos de Meneses

Antonio Carlos de Meneses, filho de Carlos Vidal de Meneses, casou-se com Felismina Alvina. Um agricultor de uma rara experiencia e habituado a terra, uma especie de agrimensor, conhecedor de todas as manhas e características da terra, sabia por exemplo, onde encontrar agua no subsolo, tornou-se dono de uma grande parte das terras do sítio Bamburral onde fixou residencia. Antonio Carlos foi esteio de uma numerosa família. Um homem respeitado em toda redondeza por sua maneira simples e sábia de ouvir a todos, aconselhar e ajudar. Seus filhos também ali crescerm e procriaram uma grande descendencia.

Eram filhos de Antonio Carlos de Meneses:

- Vicente Carlos de Meneses casado com D. Percilia;
- João Carlos de Meneses casado com Quintina;
- Euclides Carlos de Meneses casado com Alvina Maria;
- Zacarias Carlos de meneses casado com Cananeia;
- Patricio Carlos de Meneses casado com Joana;
- Idalino carlos casado com Sebastiana;
- Paula Carlos casada com Antonio Maurício;
- Maria casada com Eráclito;
- Maria do Patrocinio casada com Felismino.

- **Vicente Carlos de Meneses**, casado com D. Percilia, homem possuidor de uma inteligencia invejável, agricultor, profundo conhecedor da natureza, professor e pregador nas festas religiosas, leitor nas novenas e festas nos sítios vizinhos destacando-se como respeitável leitor nas novenas de Nossa Senhora da Conceição no sítio Gangorrinha e também dirigente nas novenas de São Sebastião em nossa paróquia. Exerceu a profissão de professor na comunidade de Gangorrinha, na casa do Sr. Elísio Pio, onde alfabetizou e ensinou a ler e escrever a várias turmasde crianças e jovens.

Foi pai de:

- Josefa Carlos, casada com José Cardoso do Vale;

- Raimunda Carlos, (Mundoca) casada com Antonio Maranguape;
- Isabel Carlos, (belinha) esposa de Antonino;
- Pedro Carlos, casado com Zilda Ameida;
- Paulo Carlos, casado com Joana Morais (Joanhina);
- Maria, esposa de Antonio Padeiro;
- José Vicente, casado com Alzerina Rego;
- Terezinha Ercilia, casada com Francisco Manoel do Vale;
- Leonizia esposa de Horácio Manoel do Vale.

- **João Carlos de Meneses**, agricultor e professor, casado com Quintina, e pai de:

- Américo Carlos, casado com Elita Carlos;
- Clóvis Carlos, casado com Maria ;
- Manoel Carlos, que mudou-se para São Paulo e por la se casou;
- Francisco Carlos, que casou-se com Zezuita (Zeza);
- Edigardes (solteiro);
- Edson, casado com Maria Antonia;
- Domício Carlos, casado com Antonia, ficou viuvo e casou com

Maria;

- Saturnina Carlos, casou-se com Severino Ramos Vieira, e depois de viuva casou-se com Antonio Ernesto

- Luiza(solteira);
- Mercedes, casada com José Pio;
- Laurita, casada com Izaias;
- Maria Marta, casada com Rodolfo;
- Rosilda, casada com Albanês.

- **Euclides Carlos de Meneses**, casado com Alvina Maria foi pai de :

- Sebastião Ambrósio, casado com Luzia (Luziinha);
- Lourenço Carlos, casado com Sebastiana;
- Alexandre Carlos de Meneses, casado com Francisca Paula;
- Simeão Carlos, casado com Olímpia;
- Elias Carlos, casado com Maria;
- Alzira Alvina, casada com José Jacinto da Costa;
- José Carlos da Costa (Zezinho) Casado com Joana do Vale.

Após a morte de D.Alvina, veio o segundo casamento com Maria Matilde de Menezes (Maricota) e foi pai de:

- Maria Silvina de Meneses (Mariinha), casada com Jonas Carlos de Oliveira;
- Euclides Carlos Filho (Tuzinho), casado com Maria de Lourdes Fernandes.

• **Zacarias Carlos**, casado com Cananéia, foi pai de:

- Manoel Zacarias, casado com Artemízia;
- Izauro Carlos, Casada com Manoel Cardoso do Vale;
- Elita Carlos, casada com Américo Carlos;
- Lídia Carlos, casada com Gregório Pio de Moraes;
- Severina casada com Antonio Umbelino.

• **Patrício Carlos**, Casado com Joana, foi pai de:

- Severino Patrício, casado com Francisca das Chagas;
- Paulino Carlos, casado com Teresinha;
- Alberto Carlos, casado com Eleticé;
- Beatriz, casada com Francisco Roberto;
- Maria, casada com Mauro Carlos;
- Perpétua, casada com João Enéias;
- Bertilde, casada com Aduino Felismino.

• **Idalino**, casou-se com Sebastiana e tiveram quatro filhos:

- Bento Carlos, casado com Zulmira;
- Alcides Carlos, casado com Alzira Matias;
- Maria, casada com Elpídio;
- Luiz, (que morreu ainda jovem vítima de uma descarga elétrica).

• **Paula Carlos**, Casou-se com Antonio Maurício e tiveram os seguintes filhos:

- Elizeu, que casou-se com Antonia, e depois que ficou viúvo casou novamente;
- Raiminda, casada com Isidério;

- Zulmira, casada com Bento Carlos;
- Doralice, casou-se com Benjamin Pio;
- Albanizia casou-se com Vilô;
- Estelita, casou-se com José Eráclito;
- Erotildes e Damiana (não conseguimos descobrir com quem casaram-se).

- **Maria**, casada com Eráclito, tiveram os seguintes filhos:

- José, casou-se com Estelita;
- Assis, casado com Raimunda;
- Espedito, (não sabemos com quem casou-se);
- Conceição, casada com Francisco Pio;
- Edite, casada com José Alves;
- Zilda, casada como Raimundo Jacinto;
- Antonia, casada com Francisco Tenório (Chicó);
- Antonieta e Adalgisa (Solteiras).

- **Maria do Patrocínio**, casada com Felismino, mudaram-se muito cedo para o Estado de São Paulo, Sabe-se que tiveram os seguintes filhos:

- Adauto, casado com Bertilde;
- Artemízia, casada com Manoel Zacarias;
- Alfredo, Adonias, Chiquita, Luzia, Tarcisio e Adílio, devem ter casado por São Paulo.

José Carlos de Meneses

José Carlos de Meneses, filho de Carlos Vidal de Meneses, agricultor, adquiriu uma pequena faixa de terra no sítio Bamburral, proximo das terras do seu irmão Antonio Carlos. Diferente dos outros irmãos, José Carlos não prosperou, levava uma vida simples ao lado de sua esposa Clara Alexandrina de Moraes e de seus filhos. Eram seus filhos:

- Manoel Carlos de Meneses, casado com Exaltação;
- Francisco Carlos de Meneses, casado com Maria da conceição;

- Maria Matilde de Meneses, casada com Euclides Carlos de Meneses(Depois que o Mesmo ficou viuvo);

- Luis Carlos de Meneses;

- Sebastião Carlos de Meneses(Tatão)

- Francisca Carlos de Meneses (Chiquinha)

• **Manoel Carlos de Meneses**, (Manezinho), casado com Maria Exaltação. Dessa união nasceram quatro filhos:

- Pedro Paulo do Nascimento, casado com Cotinha;

- Francisco Carlos de Meneses, casado com Maria Laura;

- Maria Ildete Carlos de Meneses, casou-se com idade bastante avançada com José de Lima

- José Carlos de Meneses, pouco se sabe a seu respeito, pois foi morar em Catolé do Rocha na Paraíba e deve ter constituído família por lá.

• **Francisco Carlos de Meneses**, casou-se com Maria da conceição e tiveram duas filhas:

- Francisca das Chagas, (Chaguinha), casou-se com João Victor Morais da Costa (João Morais);

- Maria,(conhecida como Maria de Conceição), casou-se em idade avançada com Francisco Pedro de Morais (Titico).

- Maria Matilde de Meneses, (Maricota), Casou-se com Euclides Carlos de Meneses e tiveram dois filhos, Maria Silvina de Meneses casada com Jonas Carlos de Oliveira e Euclides Carlos Filho (Tuzinho) casado com Maria de Lourdes Fernandes, (lourdinha).

- Luis Carlos de Meneses, ainda cedo foi morar em Mossoro onde constituiu família, Não sabe-se quase na a respeito do mesmo.

- Sebastião Carlos de Meneses, (Tatão) e Francisca Carlos de Meneses, (Chiquinha), não casaram-se.

Uma cultura viva

A família Carlos, herdeira de uma contestável inteligência deixada por seus patriarcas tornou-se uma “cultura viva”. Dentre as varias profissões exercidas pelos seus membros destaca-se a profissão de professor.

- Filhos de **Manoel Carlos de Meneses:**

- Professores: João Carlos de Oliveira; Antonio Carlos de Oliveira; Maria Carlos.

- Filhos(as) de **João Carlos de Oliveira:**

- Professora: Elzira Carlos do Vale.

- Filhos(as) de Elzira Carlos: Maria de Lourdes do Vale; Elizabete Carlos do Vale; Daugenir Carlos do Vale; Iolete Carlos do Vale.

- Neta de Elzira: Laís Carlos

- Filhos(as) de Ezilda Carlos de Oliveira: Verônica Carlos de Oliveira; Ednólia Carlos de Oliveira.

- Netos de Ezilda: Pedro Victor Carlos de Oliveira; Luis Carlos de Oliveira.

- Filhos(as) de Jonas Carlos de Oliveira: Luzia Lucinete de Meneses Oliveira; Maria Lucivanda de Meneses Oliveira; Hudson Carlos de Oliveira; Maria Hildenubia de Meneses Oliveira; Hudsmar Carlos de Oliveira

- Bisnetos(as) de João Carlos: Drielli Carlos ; Huxla Di Isabeau Carlos; Marcio Di Angelis Oliveira Guimarães

- Filhas de Josias Carlos: Célia; Marcia; Lucia Helena.

- Filhas de Ester Carlos: Sonia Maria; Meirester Carlos.

- Filhas de Elita Carlos: Maria Eunice; Nizete Carlos; Narcisia Carlos.

- Filhos de Joel Carlos de Oliveira: Joel Carlos de Oliveira Filho.

- Filha de **Antonio Carlos de Oliveira**:
- Professora: Constantina Firmina de Morais.
- Filha de Constantina Firmina de Morais: Maria Dilma de Morais.
- Netas de Constantina Morais: Sueli Mara; Mara Regina; Meire Lucia; Marcela Fabricia.
- Filha de Maria: Maria Áurea de Morais.
- Filhos de **Sebastião Carlos de Oliveira**: Maria Zenilde; Francisco Zenilton; Celia Maria; José Almir de Oliveira; Maria Zenilma; Francisco Zenóbio; Zeneide Oliveira.
- Netos de Sebastião Carlos: Marta; Marcia; Marcy; Marcos; Marcio.
- Filha de **Maria Carlos**: Orcinéia Carlos de Souza.
- Netas de Maria Carlos: Maria da Conceição Nascimento; Francisca Rúbia.
- Filhos de **José Carlos de Oliveira**: Francisco José de Oliveira.
- Netos de Jose Carlos de Oliveira: Antonia Eliane de Oliveira; Zenóbio Francisco de Oliveira.
- Bisneta de José Carlos de Oliveira: Ana Karuline; Danielly Oliveira.
- Filhos de **Matilde**: Francisco das Chagas Morais; Vera Lucia de Morais.
- Neta de Matilde: Karina Morais.

- Filha de **Sebastião Carlos de Oliveira**: (Tião Carlos): Lucia Carlos de Oliveira.

- Netas de Sebastião Carlos de Oliveira: Ana Karuline; Danielly Oliveira.

- Filha de **Raimundo Carlos de Oliveira**: Lucia Oliveira.

- Filha de **Manoel Carlos de Oliveira**: Sebastiana Carlos.

- Netos de Manoel Carlos: Ivone Carlos; Rejane.

- Filhos de **Antonio Carlos de Meneses**:

- Professore: - João Carlos de Meneses; Vicente Carlos de Meneses.

- Filhos de Vicente Carlos de Meneses: Josefa Carlos; Teresinha Hercília; Maria Lucia; Raimunda (Mundoca).

- Netos(as) de Vicente Carlos:

- Filha de Josefa: Izenir Carlos Cardoso.

- Filha de Maria: Maria Áurea.

- Filhos de Terezinha: Maria Gorete do Vale; Maria Gláucia do Vale; Jean Parcelles; Ivan do Vale; Vicente Carlos de M. Neto; Gleide do Vale.

- Filhas de Raimunda (Mundoca): Maria Irenilce; Maria Irineuma.

- Filha de Pedro Carlos: Maria de Fátima.

- Filhas de José Vicente: Maria Lenira; Maria Lenireide.

- Filha de Paulo Carlos: Maria Iolanda

- Filhos(as) de João Carlos de Meneses: Rosilda Carlos; Saturnina Carlos.

- Netos de João Carlos de Meneses:

- Filha de Saturnina: Ivanilde Carlos de Oliveira.

- Filha de Laurita: Maria Milene de Meneses.

- Filha de Edson Carlos: Euzileide Meneses.

- Filhas Josefa: Meire Lucia; Miliane Meneses.
- Bisnetos de João Carlos de Meneses:
 - Neta de Rosilda: Iglécia Gabriela.
 - Netos (as) de Saturnina: Adaís Vieira; Alzilene Vieira.
 - Netos de Domício: Mateus Meneses; Franklin Meneses.
- Netos de Euclides Carlos:
 - Filhos(as) de Maria Silvina de Meneses: Luzia Lucinete de M. Oliveira; Maria Lucivanda de M. Oliveira; Hudson Carlos de Oliveira; Maria Hildenubia de M. Oliveira; Hudsmar Carlos de Oliveira.
 - Filhas de Jose Carlos: Maria Neilce; Maria Gorete.
 - Filhas de Alzira Alcina: Antonia Idaisads Costa; Maria das Gracias da Costa.
- Netos(as) de Sebastiao Carlos de Meneses:
 - Filhas de Raimunda (Mundinha de Fernando): Luciene Costa; Luciete Costa.
 - Filha de Matilde: Vera Lucia.
- Netas de Patrício Carlos de Meneses:
 - Filhas de Alberto: Marluce Maria de Meneses; Edilsa Meneses.
- Netos de Paula:
 - Filhas de Zulmira: Antonia Leni de Meneses; Antonia Lenilce de Meneses.
 - Filha de Erotildes: Maria Alice.
- Netos(as) de Doralice:
 - Filhos de Jose de benjamim: Narcísio Rego; Patrícia Rego; Eduardo Rego; Ezilma Rego.
 - Filha de Albanisa: Nireide Cardoso.
 - Filha de (???): Erika Suziany.
- Netos de Maria de Eráclito:
 - Filhas de Antonia: Maria do Socorro de Sousa; Raimunda Tenório de Sousa.

- Filha de Zilda: Ivete Costa.

- Bisnetas a de Zacarias:

- Filha de José: Edilsa Maria de Meneses.

- Filha de Antonia: Maria de Fátima Oliveira.

Finalizando

Todo esforço foi feito para que a nossa pesquisa representasse de fato o rosto da família **Carlos**, com as melhores informações possíveis. Ao término do nosso trabalho, constatamos com muita alegria, que a nossa família é sem sombra de dúvidas uma cultura viva. A pesquisa sobre a família “Carlos de Oliveira” foi realizada por Maria Dilma de Moraes, bisneta de Manoel Carlos de Meneses; e sobre a família “Carlos de Meneses” foi realizada por Antonia Idaisa da Costa, bisneta de Antonio Carlos de Meneses.

Esperamos que nosso trabalho agrade a todos, em particular as pessoas que fazem parte desta imensa família e que a sua leitura seja um reencontro com o passado. Se por acaso aparecer alguma nova informação, deixaremos o espaço disponível. Pedimos desculpas por algo ou algum nome que tenhamos deixado de informar, pois com a dispersão da família algumas informações podem não ter sido encontradas ou nos informadas escapando ao nosso controle.

“ as pessoas que hoje desprezamos ou fazemos tropeçar ,
Poderão um dia ser as mãos que ajudarão a nos levantar”.
(Augusto Cury).

POESIA: Governador Dix-sept Rosado

Por Edvan Galdino

Governador Dix-sept Rosado,
Ex-vila são Sebastião,
Também foi Sebastianópolis,
Antes da emancipação,
Passagem de Pedro passou,
E a cidade evoluiu,
Daí nasceu Dix-sept Rosado,
Um lugar abençoado,
Num cantinho do Brasil.

Na nossa terra tem Caeira,
Que é pro homem trabalhar,
Tem os projetos de melão,
Que ajudam a alavancar,
A nossa economia,
E gera emprego em nosso lugar.

Tem muitas comunidades,
Por toda zona rural,
E é o 6º maior município,
Em área territorial,
É conhecida como a cidade,
Da Gipsita, do alho e do cal.

Cidade de gente honesta,
De um povo acolhedor,
De mulher batalhadora,
De homem trabalhador,
Aqui estou descrevendo,
Minha amada Governador.

Um povo de muita fé,
E de um grande coração,
De um povo prestativo,

Que tem grande devoção,
Ao padroeiro querido,
Nosso São Sebastião.

A cidade de Foenga,
Pé de Lapa, bôla e Buzi,
De Pacau, Tôca e gororoba,
De Ze Fei e Chico Buriti,
Esses São alguns de muitos,
Apelidos que temos aqui.

Eu não podia deixar,
De citar aqui nesse meio,
O nosso ponto turístico,
É lindo quando está cheio,
Está no sítio bonito,
Nosso lindo poço feio.

Uma terra de gente forte,
Que não cansa de lutar,
Possuiu e possui exemplos,
Que devemos sempre lembrar,
Senora, Huga e Dilma,
São Marias do nosso lugar.

De gangorrinha a Santana,
Do rancho da velha ao Riachão,
Eu guardo Governador,
Dentro do meu coração,
Obrigado papai do céu,
Por ser da terra de São Sebastião.

Autor: @edjuniorvereadorpoeta